

senadores no início de seu governo, mas soube manter aqueles que o haviam apoiado contra Pescênio Nigro, Dídio Juliano e Clódio Albino. O favor imperial tinha, assim, um grande poder, pois sem ele nenhuma família ascendia e muitas caíam em desgraça. O imperador controlava o recrutamento do Senado (Arnheim, 1972: 31). Concediam-se, pelo menos, duas a três *adlectiones* a cada ano. O próprio François Jacques tenta relativizar sua importância, afirmando que as *adlectiones* não podem ser consideradas como um meio utilizado pelos imperadores para modificar o equilíbrio do Senado. Elas permitiriam apenas promover os bons servidores (Jacques; Scheid, 1990: 357).

Todavia, achamos que este autor minimiza um pouco a questão, pois a inscrição na ordem senatorial abre aos cavaleiros importantes comandos legionários, numa época em que as legiões estão se fortalecendo politicamente, a ponto de os senadores serem obrigados a ratificar os candidatos ao governo imperial escolhidos por elas, e ao governo de províncias estratégicas, onde também estavam estacionadas legiões. Parece-nos que as *adlectiones* não podem ser compreendidas fora do jogo político em que se inserem, e nem devem ser separadas da formação de grupos de apoio e de oposição aos imperadores. Paul Petit cita A. Birley, ao afirmar que Septímio Severo evitou que as melhores legiões, aquelas da Panônia, fossem confiadas a legados senatoriais de mesma origem, por medo de uma usurpação (Birley, 1969: 283 apud Petit, 1974: 64). Assim, alçar um homem a um cargo importante tem uma relação direta com a formação de possíveis

forças sociais de oposição, e as *adlectiones* se relacionam diretamente com a escolha de quadros dirigentes para algumas funções bem importantes.

Essas inscrições acabam por mesclar de vez as ordens senatorial e eqüestre. O coroamento de uma carreira eqüestre era a ascensão do cavaleiro ao nível senatorial. Como defendem Géza Alföldy e Eugen Cizek, apenas para citar dois autores, o que importava a partir do final dos governos antoninos era deter o título de *clarissimus*, ou seja, era pertencer à categoria social mais elevada abaixo do imperador (Alföldy, 1989: 178 e Cizek, 1990: 160-163). Num texto intitulado "Clases y Ordenes en el Bajo Imperio," André Chastagnol defende que o ordenamento social do IV século, quando a unificação das "classes dirigentes" encontrase completa, iniciou-se com os Antoninos e precipitou-se com os Severos. Os elementos eqüestres são fortalecidos frente à diminuição do poder político dos senadores (Chastagnol, 1978: 52). Do poder político, não do econômico e do moral (Chastagnol, 1970: 305). Essas *adlectiones* traziam para o Senado as ricas elites orientais, que, em vez de inserirem novos costumes no seio senatorial, acabavam por incorporar e defender o antigo ideário senatorial, responsável pela própria razão de ser dos senadores. A tradição os legitimava e garantia o pouco espaço decisório que ainda detinham.

Apesar de todas as mudanças sociais, o substrato ideológico sobre o qual repousava o edifício social desde os tempos antigos não se transformou profundamente (Chastagnol,

R
E
V
I
S
T
A

D
E

H
I
S
T
Ó
R
I
A

.
. .
. .
. .
. .
. .
. .
. .
. .

necessidade política (Alfoldy, 1989: 118). Vemos mais, no discurso de Herodiano, a necessidade política que o temperamento pessoal envolvido nos conflitos que eclodem entre os senadores e os príncipes.

Herodiano a todo instante defende as prerrogativas senatoriais. Seu *Optimuss Princeps*, Marco Aurélio, casou suas filhas com senadores (Herod I, 2, 1). Segundo o autor, Cômodo, no início de seu governo, não deveria temer nenhum mal, pois tinha a seu lado tanto os senadores quanto a força militar: “Não deves temer que se apoderem do poder em Roma, pois a nobreza senatorial está aqui contigo e a força militar defende tua autoridade” (Herod I, 7, 6). Ao chegar a Roma, Cômodo manifesta sua gratidão ao Senado e à guarnição de Roma por sua fidelidade após a morte de seu pai (Herod I, 7, 6).

Os senadores, dentro da obra em questão, são mostrados como a maior força política abaixo do imperador. Mesmo quando não têm a possibilidade de escolherem o imperador, este só se legitima pela ratificação que lhe é dada pelo Senado, quando este lhe atribui o título de Augusto. Essa opinião também é defendida por Mason Hammond, que, num texto sobre as transmissões de poder efetuadas de Nero até Severo Alexandre, conclui que naquele período o Senado continuou a ser reconhecido como a única verdade fonte dos poderes imperiais. A prerrogativa do *Senatus Populusque Romanus* de selecionar um novo imperador passou de fato para as tropas (legionárias ou pretorianas), mas só isso não bastava. Era necessária a conquista da aceitação do Senado, mesmo que esta fosse feita pela força das armas (Hammond, 1956: 124-125).

Não se pode falar da ascensão de um imperador sem relacioná-la com o imperador anterior. Se a sucessão ocorre de forma violenta, certamente o imperador que está assumindo o poder representa as forças sociais que faziam oposição ao imperador anterior, e que conseguiram derrubá-lo do poder, para colocar no cargo outro homem que atende mais de perto às suas expectativas. Vejamos, então, a participação senatorial na ascensão e queda dos imperadores a partir do assassinato de Pertinax, segundo as informações dadas por Herodiano.

Pertinax morreu pelas mãos pretorianas, o que causou uma reação por parte do Senado, visto que Pertinax era um membro desse grupo, e, como tal, esperava-se que ele defendesse as suas prerrogativas. Além disso, a intromissão de grupos militares na eliminação de um governante era encarada como um flanco aberto à tirania e um perigo para a reconstrução de um governo aristocrático:

Os senadores em especial estavam muito penalizados com o ocorrido e consideravam o fato uma calamidade pública, pois se tratava da perda de um homem que era pai bondoso e protetor magnânimo. Surgiu de novo o medo da tirania, pois acreditavam que ela era do agrado dos soldados (Herod II, 6, 2).

Quase por definição, Pertinax tinha de ser honrado e magnânimo, pois ele era um senador, e honradez e magnanimidade eram qualidades inerentes aos membros desse

R
E
V
I
S
T
A
D
E

H
I
S
T
Ó
R
I
A

nosso previamente, mas sim ao estar o Império abandonado e em litígio, cada um de nós apontou o mesmo objetivo e teve a mesma ambição. Mas Albino, ignorando pactos e juramentos, depois de obter de mim o que só se entrega a um filho, preferiu ser inimigo a amigo, rival a colega (Herod III, 6, 4-5).

Severo, quando Albino se subleva, já havia sido reconhecido pelo Senado (Herod II, 9, 12) e tinha, inclusive, forçado-o a dar o título de César a Albino. Para Herodiano, a luta que se trava antes do reconhecimento pelo Senado tem um valor moral e político e a que se trava depois tem outro, o que fundamenta ainda mais a nossa hipótese de que a fonte de poderes imperiais ainda é o Senado.

Septímio Severo dirigiu sua força contra os amigos de Albino em Roma, executando-os e confiscando as suas propriedades. Amigos esses que haviam, voluntariamente ou forçados pela necessidade, apoiado a causa de Albino (Herod III, 8, 2-3). Ele envia diversas cartas ao Senado, acusando homens de serem amigos de Albino e se aproveita da situação de instabilidade para eliminar todos os que se destacavam no Senado e que se sobressaíam nas províncias pela riqueza ou pela linhagem, aniquilando-os sem piedade (Herod III, 8, 6-7). Severo, a nosso ver, tenta, desse modo, fazer um saneamento profilático nas oposições, ou seja, eliminar qualquer homem que pudesse vir a ameaçar o seu poder. Prefere, segundo Herodiano, o medo dos súditos ao seu afeto (Herod III, 8,

7-10). Esses súditos são certamente os senadores, pois os soldados e a plebe eram agraciados com espetáculos e distribuições de dinheiro e de alimentos (Herod III, 8, 5).

Único imperador dessa dinastia a morrer de doença, é sucedido pelos filhos, aos quais já havia associado ao Império com o beneplácito silencioso do Senado (Herod III, 9, 1). Caracala tentou inicialmente afastar Geta do poder, mas ao encontrar uma total oposição ao seu propósito, mais por necessidade que por convencimento, aceitou a concórdia (Herod III, 15, 7). A melhor forma encontrada por Caracala para diminuir essa oposição, mais uma vez senatorial, foi eliminar os médicos que se recusaram a apressar a morte de seu pai e os homens que cuidaram de sua educação, além de matar escravos e amigos do pai (Herod III, 15, 4-5). Essa preocupação em eliminar servos e amigos do pai nos faz refletir sobre dois pontos. Primeiro, que já ia longe a época na qual os senadores eliminavam os seus desafetos com suas próprias mãos, como no caso de Júlio César. A forma mais comum de eliminação dos imperadores não apoiados pelos senadores era a utilização de conjuras palacianas, nas quais os senadores eram os mentores e os cortesãos eram os executores. Segundo, se Caracala se preocupou em eliminar os amigos do pai é porque, ao final de seu governo, Septímio deveria contar com o apoio de alguns senadores, que seriam identificados como esses amici.

Geta e Caracala, dessa maneira, viram - se obrigados a dividir o poder, o que, de acordo com Herodiano, acabou por dividir as opiniões de todos os cidadãos que tinham

R
E
V
I
S
T
A

D
E

H
I
S
T
Ó
R
I
A
.
.
.
.
.
.
.
.
.
.
.
.

ser eliminado, Macrino, Prefeito do Pretório, convence um centurião chamado Marcial, que era seu cliente, a matar o imperador. E ele o faz, quando Caracala se dirige ao Templo de Severo com reduzida cavalaria, formada por germanos, e se afasta dela para ir se aliviar numa moita (Herod IV, 13, 1-6).

Todavia, Macrino não age completamente só na maquinação dessa conspiração, que em muito se assemelha às conjuras palacianas efetivadas pelos senadores. Contudo, no relato de Herodiano, apesar de este autor perceber que houve uma conspiração pela sucessão (Herod V, 1, 1), Macrino ascende ao poder sem qualquer vinculação ou apoio direto dos senadores, e exatamente por isso fica tão pouco tempo no poder. O estupor e a indecisão se adonaram do exército, tanto que ficaram dois dias sem imperador. Advento, o outro Prefeito do Pretório, é sondado, mas recusa o cargo, alegando velhice. Frente ao ataque dos Partos, que ocorre nesse exato momento, Macrino é eleito pelas tropas, influenciadas por tribunos ligados ao novo imperador. Macrino consegue o comando imperial, mas não o afeto ou a confiança dos soldados e muito menos o apoio dos senadores (Herod IV, 14, 1-4). Apesar disso, Macrino promete construir uma aristocracia respeitando os privilégios senatoriais, e, dessa forma, acaba por receber as honras de um Augusto (Herod V, 1, 6-8). Numa carta ao Senado e ao povo, Macrino descreve o caráter dos amigos de Caracala: Comprazia-se com lisonjas e eram seus amigos leais os que o incitavam à crueldade, cedendo a seu temperamento e provocando o seu caráter colérico com calúnias” (Herod V, 1, 3).

Os amigos de Caracala eram os soldados e não os senadores. Portanto, era uma *amicitia* falsa, baseada na adulação e não no respeito; na admiração, no ganho e não na troca. Macrino, então, manda matar delatores, escravos e criminosos de Roma (Herod V, 2,). Soldados desaprovam a forma de vida de Macrino ao compará-lo com Caracala e resolvem rebelar-se (Herod V, 2, 6). Mais uma vez, o Senado encontra-se afastado da escolha do imperador.

Para Herodiano é a fortuna quem dá aos soldados um pretexto para matar Macrino. Júlia Mesa, irmã de Júlia Donna, dona de imensa fortuna, começa a espalhar a notícia de que seu neto Heliogábalos, filho de Júlia Soêmia, era filho de Caracala, e, portanto, herdeiro de seu caráter, de seu poder e de seus compromissos com as legiões. Acrescente-se a isso que uma importante guarnição estava acampada junto a Emesa em defesa da Fenícia, e, entre os soldados, vários eram clientes de Júlia Mesa. Ela oferece sua fortuna pessoal em troca da reconquista do poder imperial para a sua família (Herod V, 3, 10-12).

Desse modo, Heliogábalos é aclamado imperador e recebe deles o manto de púrpura. Herodiano reitera que, enquanto os senadores escolhem os imperadores por sua honradez, os soldados o fariam por ódio a Macrino, pela recordação do bom tempo que tiveram sob Caracala e por dinheiro (Herod V, 4, 2). O Senado e o povo de Roma são meramente informados dessa proclamação e se submetem por força da decisão do exército (Herod V, 7, 7). De certa forma, Herodiano tira assim do Senado a responsabilidade pelo governo de

imperadores severianos em algum momento de seu governo: no início do de Septímio, durante todo o governo de Caracala, durante a maior parte do governo de Macrino, no fim do governo de Heliogábalo e no fim do governo de Alexandre. Todavia, não conseguiram passar do descontentamento à ação, que eles podiam até orquestrar, mas que não executavam.

Os senadores sempre viram com maus olhos o comportamento dos imperadores que se sentiam superiores a eles e que externavam o sentimento de que o poder do exército lhes bastava, como era o caso de Septímio e Caracala. Estes não eram amigos, pois buscavam se sobrepôr a eles em prestígio e autoridade. Macrino fez um bom discurso, defendendo a aristocracia, mas acabou demonstrando uma fraqueza de caráter que o afastava do ideal de governante e do interesse da amizade, que é a partilha dos privilégios. Já Heliogábalo nem era compreendido pelos

senadores nem compartilhava com eles interesses e valores tradicionais. Alexandre se aproximou do ideal senatorial, mas, como era sua mãe quem realmente mandava, e não se empreendiam relações de amizade com mulheres, pois elas sempre tinham um prestígio e um status social menos elevado do que os dos homens, a relação de Alexandre com os senadores ficou comprometida.

Assim, os senadores se opunham toda vez que não conseguiam executar trocas recíprocas com os imperadores, mas estavam tão enfraquecidos, que não conseguiam expressar o seu descontentamento até o fim, ou seja, até a supressão capital do imperador. Até a época de Cômodo, os senadores conseguiam, ao menos por meio de conspirações palacianas, buscar interferir na deposição do imperador (Herod I, 8, 6), mas após aquele governante nem por intrigas de corte eles conseguiram efetivar o seu desagrado com os imperadores severianos. ■

Bibliografia

- ALFOLDY, G. A História Social de Roma. Lisboa: Presença, 1989.
- ARNHEIM, M.T.W. The Senatorial Aristocracy in the Later Roman Empire. Oxford: at University, 1972.
- BOISSER, G. L'Opposition sous les Césars. Paris: Hachette, 1905.
- CALDERINI, A. I Severi. Bologna: Licinio Capelli, s.d.
- CHASTAGNOL, A. Clases y Ordenes en el Bajo Imperio. In: LABROUSSE, C.E. et alli. Ordenes, Estamentos y Clases. Madrid: Siglo XXI, 1978. p. 52-62.
- _____. L'Évolution de l'Ordre Sénatorial aux IIIo et IVo Siècles de notre ère. RH. Paris, 496:305-314, 1970.

- CIZEK, E. Mentalités et Institutions Politiques Romaines. Paris: Fayard, 1990.
- CROOK, J. Consilium Principis. Cambridge: at the University Press, 1955.
- DAHRENDORF, R. Sociedade e Liberdade. Brasília: Edunb, 1981.
- DAREMBERG.Ch.; SAGLIO, M.E. Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines. Paris: Hachette, s.d.
- DE MARTINO, F. Storia della Costituzione Romana. Napoli: Dott. Eugenio Jovene, 1974. v.4, parte 1.
- DUBY, G. História Social e Ideológica das Sociedades. In: LE GOFF, J; NORA, P. (dir.). História: Novos Problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p.130-145.
- ERODIANO. Storia dell'Impero Romano dopo Marco Aurelio. Testo e versione di Filippo Cassola Firenze: Sansoni, 1967.

R
E
V
I
S
T
A
D
E

H
I
S
T
Ó
R
I
A

·
·
·
·
·
·
·
·
·

- FRIEDLAENDER, L. La Sociedad Romana. México: Fondo de Cultura Economica, 1947.
- GAGÉ, J. Les Classes Sociales dans l'Empire Romain. Paris: Payot, 1964.
- GARNSEY, P.; SALLER, R. The Roman Empire. London: Duckworth, 1987.
- HAMMOND, M. Composition of the Senate A.D. 68-235. *JRS. London*, 47:74-81, 1957.
- _____. The Transmission of the Powers of the Roman Emperor from the Death of Nero in A.D. 68 to that of Alexander Severus in A.D. 235. *MAAR. Rome*, 24:118-128, 1956.
- HÉRODIEN. Histoire de l'Empire Romain après Marc-Aurèle. Traduit et commenté par Denis Roques. Paris: Les Belles Lettres, 1990.
- HOPKINS, K. Conquistadores y Esclavos. Barcelona: Península, 1978.
- _____. Movilidad de la Élite en el Imperio Romano. In: FINLEY, M.I. (ed.). Estudios sobre Historia Antigua. Madrid: Akal, 1981. p.119-136.
- JACQUES, F.; SCHEID, J. Rome et l'Intégration de l'Empire. Paris: PUF, 1990.
- JOHNSON, T.; DANDEKER, Ch. Patronage: Relation and System. In: WALLACE-HADRILLA, A. (ed.). Patronage in Ancient Society. London: Routledge, 1990. p.219-238.
- LE GALL, J.; LE GLAY, M. L'Empire Romain. Paris: PUF, 1989.
- LE GLAY, M.; VOISIN, J-L.; LE BOHEC, Y. Histoire Romaine. Paris: PUF, 1991.
- MACMULLEN, R. Enemies of the Roman Order. London: Routhedge, 1992.
- _____. Les Rapports entre les Classes Sociales dans l'Empire Romain. Paris: Seuil, 1974.
- MAZZARINO, S. II Pensiero Storico Classico. Roma: Laterza, 1974. v.2, n.2.
- MILLAR, F. The Empire in the Roman World. London: Duckworth, 1992.
- _____. Empire and City, Augustus to Julian: Obligations, Excuses and Status. *JRS. London*, 73:76-96, 1983.
- PETIT, P. A Paz Romana. São Paulo: Edusp, Pioneira, 1989.
- _____. Histoire Générale de l'Empire Romain. Paris: Seuil, 1974. v.1, 2 e 3.
- SALLER, R.P. Personal Patronage under the Early Empire. Cambridge: University Press, 1982.
- _____. Patronage and Friendship in Early Imperial Rome: Drawing the Distinction. In: WALLACE-HADRILL, A. (ed.). Patronage in Ancient Society. London: Routledge, 1990. p.49-62.
- TALBERT, R.J.A. The Senate of Imperial Rome. Princeton: University Press, 1984.
- TITO LÍVIO. História de Roma. Introdução, tradução e notas de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989.v.1.
- TURCAN, R. Vivre à la Cour des Césars. Paris: Les Belles Lettres, 1987.
- _____. Le Culte Impérial au IIIo Siècle. ANRW. Berlin, v.2, n.16, parte 2: 997-1083, 1980.
- _____. Héliogabale et le Sacre du Soleil. Paris: Albin Michel, 1985.
- WALLACE-HADRILL, A. Civilis Princeps: Between Citizen and King. *JRS. London*, 72: 32-48, 1982.
- _____. Patronage in Roman Society: from Republic to Empire. In: _____. (ed.). Patronage in Ancient Society. London: Routledge, 1990.p63-88.

Nota

*Professora de História Antiga e Medieval da Universidade Federal de Goiás e Doutorada em História Econômica na Universidade de São Paulo.